



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO
CAMPUS RIO DE JANEIRO

Rua Senador Furtado, 121/125 – Maracanã – Rio de Janeiro - RJ

CEP 20.270-021 – Tel.: (21) 2566-7711

Ata da Reunião do Conselho Pedagógico de Campus – CPC

11 de julho de 2023

Aos onze dias do mês de julho de dois mil e vinte e três teve início no ambiente virtual, pela plataforma *Google Meet*, a reunião do Conselho Pedagógico de Campus - CPC, sob a presidência do Diretor de Ensino, Professor Eduardo Coelho. Com a palavra, o diretor agradeceu a presença de todos e disse que estaria participando da reunião o Pro-reitor de planejamento Igor Valpassos e a Pro-reitora de ensino Alessandra Paulon para falar sobre a reestruturação dos cursos. Disse que vão focar nas questões de orçamento e índices. Agradeceu a presença e disponibilidade de ambos que estão representando o reitor Rafael Almada. Reforça que será uma reunião muito importante e relembra o motivo de estarem se reunindo: organização dos cursos técnicos no sentido do formato, sua carga horária que foi aprovada no Consup (redução para três anos). Isso trouxe uma desestabilização grande, e com base nisso também lembra que dentro do Campus está sendo discutido os possíveis prejuízos que os cursos teriam com esta redução, com aumento de contratuados, aulas aos sábados, mais disciplinas em cada período. Lembra que os três anos têm suas vantagens como, por exemplo, o orçamento. Então, diante dessas discussões o Campus gostaria de entender melhor sobre o impacto que tem no orçamento tendo um curso com três anos versus três anos e meio versus um de quatro anos, mesmo mantendo a carga horária. Esta melhoria é de fato significativa, impacta a instituição, e em relação aos índices, se de fato haverá uma melhoria. Ou seja, há a necessidade dessa reunião para que todos presentes possam tirar suas dúvidas. O foco é orçamento e índices. Perguntou se o Igor e a Alessandra gostariam de pontuar alguma coisa ou se tem alguma apresentação.

A pro-reitora Alessandra disse que estaria disponível para tirar dúvidas, assim como o Igor. E colocou que se precisasse de algum documento adicional eles poderiam enviar.

A professora Cristiane Mauad trouxe uma dúvida sobre a portaria 646. Diz que a portaria fala sobre os indicadores da matriz orçamentária. Em relação ao aluno-professor (RAP) se é institucional ou por Campus. Pergunta o quanto isso afeta a questão orçamentária do IFRJ. O item qualidade-eficiência compõe apenas 10% da matriz orçamentária e ela gostaria de entender porque isso impacta o Campus no sentido de não contratarem professores, por exemplo. Defende os quatro anos ao invés dos três, justificando no sentido de ter ouvido a opinião dos alunos e os problemas, sobrecargas que eles apontam em relação aos contratuados e sábados, falta de alimentação no Campus e outros pontos que afetam a qualidade de vida dos estudantes dentro do Campus.

O pró-reitor Igor diz que neste momento vai se ater a responder perguntas. Diz que o cálculo da matriz orçamentária não é simples, é um cálculo de divisão de um orçamento total. Para que todos possam usufruir deste orçamento, foram criados os indicadores no sentido de facilitar.

Lembra que o orçamento vem diminuindo a cada ano. O orçamento é um meio. A atividade finalista é o ensino, pesquisa e extensão. Então deve-se pensar no quanto isso vai impactar nestes itens, e não somente dividir o orçamento. A lógica deve ser esta. O quanto ou como pode-se ajudar no processo de diminuir evasão dos alunos, por exemplo. Quanto mais há uma entrega para a sociedade, mais há uma tendência de se receber um orçamento maior. Aquele Campus que não corresponde a isso precisa melhorar a entrega para a sociedade e consequentemente receber maior orçamento. Respondendo a Cristiane, diz que é para a rede como um todo, cada instituição e depois há uma divisão entre os Campi. São usados portanto os dois RAPs. Sobre os 10%, iniciou-se desta forma, justamente para que se adaptem, pois em breve será 80% da matriz, estamos num processo de transição. Então é preciso aumentar a entrega para a sociedade. E lembra que o orçamento é uma consequência desta entrega. Cursos com muita evasão, há perdas de financiamento. Há o conceito de matrícula total que entra a média de alunos, com a média de crescimento da rede total. Os Campi devem acompanhar o crescimento da rede total, senão haverá perdas para o Campus. A carga horária excedente, por exemplo, é paga do nosso bolso (impostos da sociedade) pois o curso está sendo ofertado além do que seria necessário. A carga horária, portanto, é fundamental para equalizar os cursos a nível nacional, é preciso padronizar. Deixa claro que não está tratando do assunto de forma fria.

O diretor Eduardo disse que há dúvidas no chat. A professora Telma pediu que definisse o que é o ciclo. Alessandra diz que o ciclo são 365 dias porque a escola não pára, mesmo quando não há aulas. Igor diz que se considera os 200 dias letivos, mas na prática considera-se 365 por causa das despesas.

A professora Cristiane pergunta se o orçamento só conta para os 3 primeiros anos, e portanto, o quarto ano não contabiliza para o ciclo. Igor diz que sim.

A professora Rafaela agradeceu a presença dos pró-reitores. Concorde sobre a importância dos índices. Questiona sobre a comparação de índices entre IFs com condições diferentes como o IFRN e o IF Farroupilha, que são distintas e distintas também do IFRJ. Pela plataforma Nilo Pessanha, o IFRN tem índices melhores e possuem cursos de 4 anos. O Farroupilha tem índices melhores do que o IFRJ, mas é semelhante ao Campus Rio de Janeiro. Essas comparações dificultam as discussões porque são condições diferentes, fica difícil planejar ações para diminuir a evasão dos alunos. Acha importante ver o todo. Cita o “documento orientador de 2014 para superação de evasão e retenção”. O documento apresenta um método para diminuir evasão e retenção. A participação da pesquisa e extensão é importante. O IFRJ está presente em vários eventos e feiras com muito destaque. A diminuição de carga horária vai refletir na pesquisa e extensão.

A pró-reitora Alessandra agradece a fala da professora Rafaela. Não existe parâmetro comparativo entre IFs, pois as condições são muito diferentes. Embora a matriz orçamentária (dinheiro, código de vagas, investimentos, etc) seja a mesma, não se pode comparar. O problema está na integração curricular. Aí sim utilizamos referenciais de outros IFs e utilizamos o que há de melhor em cada um. A preocupação de Alessandra é saber o motivo dos alunos estarem evadindo, os dados são graves. Procuraram construir documentos diagnósticos desde 2012, e em 2018 saiu o documento que o Conif entende como base. Então eles se baseiam neste documento. Compara o Campus Rio de Janeiro que é extremamente urbano em contraposição a outros que são rurais. A comparação então se faz naquilo que eles apresentam de melhor. O documento mais recente é de 2021 que diz que eles vão se basear no documento de 2018, que é considerado o documento norteador, ele que dá identidade. Os referenciais não podem ter amarras. Somente 12% dos IFs fazem pesquisa e extensão. Volta a dizer que saber o motivo do aluno ir embora é fundamental. Ela é a favor da política da permanência e êxito. Toda a rede federal está sendo acionada sobre o motivo das evasões, estão tendo que justificar.

Complementa a fala da professora Rafaela, dizendo que quando o aluno não diz qual a sua renda, isso restringe os benefícios que viriam para este aluno.

Igor diz concordar com a fala da professora Rafaela. Diz que em termos numéricos são 6000 estudantes aproximadamente que não declaram renda. Representa entre 1 a 2 milhões de reais de recursos que poderiam ir para os auxílios para estes estudantes.

O diretor Eduardo pede que os participantes não fiquem culpando pessoas. A ideia é tirar as dúvidas e levar pontos para discussão.

O professor Leonardo diz querer entender a urgência dos três anos. Comenta sobre a conversa que teve com uma professora do IFSP. Esta professora disse que tiveram que alguns Campi retornarem aos quatro anos porque não funcionou bem para os alunos. Diz que se for quatro anos, seria possível diminuir a sobrecarga dos alunos, seria possível atender as demandas deles, por exemplo, não ter aula nos sábados, contratuais e número de disciplinas entre outras. E questiona porque não seria possível alguns Campi terem cursos de 3 anos e outros, de 4 anos. Coloca também que acredita que a excelência da formação vai além da sala de aula, pesquisa, extensão, coletivos, grêmios, cart, dança, Núcleos. O percentual de professores que fazem pesquisa é muito baixo e estão usando isso contra o Campus Rio de Janeiro para justificar a carga horária de 14 horas. Gostaria de entender melhor. Complementa que o RAP para melhorar é preciso o aumento do Campus já que há problema de espaço, podendo abrir novas turmas e novos cursos, conseqüentemente aumentando o número de alunos, ou algumas disciplinas serem EAD. Acredita que os cursos FIC pode ser uma alternativa, mas não uma estratégia.

Alessandra avalia os cursos por diagnóstico e não por tempo ou carga horária, como mais oportunidade de pesquisa e extensão. Ela entende que a qualidade é mais importante. O que vai determinar se o Campus Rio de Janeiro terá um refeitório é o planejamento do Campus e não a quantidade de carga horária. Complementa que o problema de espaço no Campus é antigo. Diferencia a organização disciplinar que não necessariamente tem que ser em disciplinas, pode ser por conteúdos curriculares. O fato é que há um passivo para ser resolvido, levando em conta a qualidade. Para isso será preciso rever o nosso papel. O crescimento não é aumentar o número de Campus, mas aumentar o nosso público dentro de cada Campus, pois há Campus que não tem aluno suficiente. Tudo isso independe dos três ou quatro anos.

Igor diz que passamos por um processo de grande orçamento e não houve um crescimento correspondente. Então hoje, como resposta e resultado, a reitoria está pensando num plano de médio e longo prazo, com consulta nos Campi. Lembra que há várias etapas para a implementação para um novo prédio para o Campus, e algumas já foram feitas. A situação colocada hoje é de 100 mil por ano, diminuiu, mas é preciso ir para a frente. Há um caminho com o governo federal. É preciso pensar um projeto para o prédio, e isso está sendo discutido, não está fora das prioridades, os meios estão sendo adotados.

O diretor Eduardo explica e resume as falas dos professores Leonardo e Rafaela, de forma a reafirmar a posição do Campus e ilustrar o destaque que ele tem na sociedade. Cita a Frebace como exemplo: o Campus Rio de Janeiro foi o único a ter participação. Diz que ele não está vendo como será solucionado os problemas apontados até o momento com a redução para três anos, não fica claro.

A professora Mariana Steling comenta sobre a redução dos cursos, entende sobre o passivo. Ela com a equipe de Biotecnologia fizeram uma consulta com egressos de até 10 anos atrás. Segundo os egressos, os pontos colocados como negativos de ter estudado no IFRJ: falta de infraestrutura, saúde mental e sobrecarga de conteúdos e avaliações. Entende que a redução de anos vai agravar esta situação. Em nenhum momento eles colocaram o desejo de se formarem mais rápido. Os pontos positivos apontados foram: aulas práticas, ensino gratuito, qualificação docente e estrutura tecnológica. O nosso RAP é baixo, mas a consequência é positiva. Coloca

também a situação dos estágios que ficarão mais restritos pois as empresas exigem muitos dias da semana livres para o estágio.

Alessandra diz que essas ações deverão acontecer em paralelo e o foco é a qualidade. O Campus Rio inaugura a avaliação dos ingressantes e egressos, isso é inédito e é fundamental. A questão complicada é o tempo de formação, demorando anos e anos, alunos que reprovam diversas vezes e não conseguem avançar. Entende que a carga horária não precisa ser dentro de sala de aula, mas por exemplo, um contraturno poderá ser uma visita técnica. Não se deve fazer conta para caber na carga horária, mas a qualidade deve caber na carga horária. Não se deve pensar a minha disciplina e a carga horária, mas no curso, na formação como um todo, praticar a integração.

A professora Leila deixa claro que o relacionamento pessoal continua ótimo, mas a funcionária pública que vai se colocar. O Campus foi uma conquista e a fala será feita em três pontos. Como agente público de Biotecnologia não é possível formar um técnico em três anos, o CRq pode dar esta informação. Não se deve balizar pelo último catálogo dos cursos técnicos, isso é um erro. Como conselheira do CAET declara que sempre votou neles, não está competindo politicamente, não vai lançar chapa nas próximas eleições. Ela outorgou os outros campi autonomia para cursos Fic, mas não ao contrário. Diz não aceitar os índices apresentados que parecem de linha neoliberal. Não sabe se está havendo uma pressão de políticas externas de privatizar a educação, de excluir os pobres. Sugere outros índices como quantos alunos foram tirados do tráfico, quantos alunos estão empregados na área. Como apaixonada pela educação, apela que seja revista esta posição adotada. O curso pode até ser alterado, mas com mais tempo de poderem discutir e decidir. A pesquisa e extensão começou com os Institutos e as Universidades já fazem pesquisa há mais tempo. Questiona se não estamos sendo pressionados pelas Universidades, competindo por verba. Entende que os Institutos podem ser um centro de excelência. Pede que permita pelo menos três anos e meio, com tempo para que seja discutida a melhor alternativa.

A professora Priscila questiona o que vem primeiro sobre o que influencia no orçamento. A pergunta sobre a capacidade ociosa, como isso impacta no orçamento. Aproveita para perguntar quais são os indicadores que o campus está defasado em relação aos outros campi. E porque primeiro não estudamos a nossa realidade, ao invés de atribuir a priori a uma ineficiência didática, de carga horária. Sugere um edital específico para evasão no Campus para que se possa partir de uma realidade.

O professor Otávio resgata a fala da Alessandra quando ela separa o processo de reforma das questões ligadas a evasão e retenção. Entende que a preocupação dela é maior com a evasão e retenção do que com a reestruturação. Pergunta isso para que ele possa se reorientar dentro do campus. Comenta que ainda está organizando a formação dos alunos prejudicados pelas APNPs. Comenta que os alunos que ingressam possuem problemas de base. Fica pensando como ajudar este aluno se o tempo de formação será diminuído. Ele entende que este aluno defasado precisaria de mais tempo de estudo. Quais soluções foram colocadas com esta inversão da pirâmide para estes alunos? Não foram colocadas ferramentas para dar um subsídio a este aluno.

O professor Tadeu agradece que eles estejam revelando a real intenção da reestruturação, ou seja, por motivos orçamentários e não pedagógicos. Diz que não devemos tratar a educação como um esteio, um sacrifício. É o povo que paga sim, mas estes recursos devem ser bem utilizados. Entende que para isso ocorrer é preciso formar bem os alunos, dar formação de qualidade. Pergunta porque estão propondo uma diminuição da qualidade sendo que o orçamento terá uma tendência a aumentar. A outra pergunta sobre evasão e retenção: a USP está com este problema e ela não está com problema de qualidade, é um problema do Brasil como um todo. Então porque estamos diminuindo a qualidade para dar conta da evasão e retenção? Qual o ciclo que está ocorrendo a evasão especificamente? Se ele estiver indo para a

Universidade, isso não é evasão. Evasão é quando ele abandona qualquer forma de estudo para ir trabalhar, por exemplo, numa papelaria para sustentar a família. Como vou avaliar a suficiência acadêmica se nem tenho informações científicas sobre estes índices?

A pró-reitora Alessandra diz para a professora Leila que em nenhum momento se sentiu atacada pessoalmente. O que a preocupou foram algumas falas que desqualifica um processo que começou antes dela. A servidora Helena Torquillo fez com que a instituição tenha mais cursos de 3 anos do que 4, ela já vinha desenvolvendo isso. Diz ter respeito pela instituição. E estamos no primeiro ano da segunda gestão do Professor Rafael. Não há discussão política neste momento. Esclarece que a reestruturação não é imediata, mas até 2024, e isso deve acontecer para atualizar uma defasagem de uma década. Sobre as falas dos professores Tadeu e Priscila, é histórico nesta instituição a falta de dados científicos diagnósticos, indicadores. O que está mudando agora é o fato de que estamos usando os nossos próprios dados para nos olhar. As pesquisas que trabalhamos são feitas pelas instituições externas a nós, é a primeira vez que estamos fazendo este movimento. Como nunca foi feito, não é possível mensurar. Estamos fazendo o índice de empregabilidade já que nunca foi feito antes. O ciclo que estamos avaliando é de 2017 até 2023 e não é possível fazer sem os 15 campi presentes. Diz que o Campus Rio de Janeiro avançou bastante nisso. Ela gostaria que definissem o que é excelência acadêmica que muitas vezes é citada. Para a rede federal, excelência é a inclusão social. Cita o curso de Medicina da Universidade da Bahia que teve redução de carga horária. O objetivo da reitoria é propor algo melhor e não jogar contra os campi. A questão do orçamento foi falada pois foi pedido para que trouxéssemos. Deixa claro que percebe a vontade genuína de melhorar o ensino, principalmente do professor Otávio. Entende que a flexibilidade terá um impacto na carga horária como em outras coisas. Ela entende que essa carga horária pode ser trabalhada em outras situações que não dentro do Campus.

O pró-reitor Igor diz que cada Campus tem suas especificidades, mas entende que o diálogo é esta troca e pontos. Respondendo a Priscila, há contrato de telefonia já há uns quatro meses. Há uma fragilidade institucional de não se apropriar dos serviços institucionais muitas vezes. Existem métodos para suprir vagas ociosas, mas há um impacto sim, embora não vá prejudicar o orçamento de 2024, mas a partir de 2025, se ficarem ociosas significarão um impacto orçamentário. Sobre as deficiências de orçamento e infraestrutura, estamos aqui mesmo com o governo passado. Dizer que a educação pública é uma despesa, ele não concorda, mas despesas públicas existem e que são atreladas à educação, como por exemplo, a eletricidade. Para podermos pagar, precisamos investir, gerir. Então estamos pensando em potencializar esta gestão por meio do orçamento para manter e melhorar o IFRJ. Sobre o arcabouço fiscal, o orçamento não é o objetivo final, ninguém quer ganhar mais dinheiro como objetivo. Mas o orçamento é meio para alcançar a qualidade do ensino. Os indicadores são avisos para que possamos pensar em melhorias ou procurar entender o que está acontecendo. O orçamento é uma ferramenta para formar e libertar pessoas. Este acesso precisa ser garantido e isso é um trabalho em conjunto com a área pedagógica, orçamentária, de serviço social, etc. Agradece a oportunidade e o debate que ele considera importante. Acrescenta que os administrativos são os que menos ganham em todo o quadro do governo federal. Diz estar à disposição para conversar e oferece a todos que possam ir visitar a PROAD.

O diretor Eduardo agradece a participação de ambos. Recapitula as próximas reuniões e “diálogos com o reitor” e sugere alguns assuntos a serem melhor abordados. Enfatiza a importância de saber como fazer isso na prática de forma a não agravar os problemas que o Campus já enfrenta. Agradece a todos, deseja um bom final de semestre e sem mais a acrescentar, a reunião foi finalizada.

Nome completo	Representação
Priscila Marques de Siqueira	Coordenação MAM
Josélia de Jesus da Fonseca	COTP
Carla Cristina de Souza	Coordenação de Linguagens e Códigos
Rafael de Freitas Lopes	Subcoordenação de Matemática
Livia Baptista Nicolini	Ciclo básicos
Aline dos Santos Garcia Gomes	PCTA
José Sampaio de Oliveira	CNM
Marcio Martins Loureiro	Vice Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Biológicas
Guilherme Mendonça	CST Gestao Ambiental
Roberta Kuan Tchien de Mello Loh	Coordenação Graduação em Ciências Biológicas
Rosângela Aquino da Rosa	Pós-graduação em Ensino de Ciências com ênfase em Biologia e Química
regina kazumi fukuda	Subcoordenação de estatística
Flávia Carvalho de Souza	Processos Químicos
Carla Cristina de Souza	Linguagens e Códigos - coordenação
JULIENE ANTONIO RAMOS	COORDENAÇÃO PMBQBM
MARIANA SOUTO	SUBCOORDENAÇÃO CIENCIAS HUMANAS
Rafaela Thereza Pereira Sant'Anna	Coordenação geral de educação
Livia Baptista Nicolini	Ciclo básico
Andréa Cortez dos Santos	COEX
Guilherme Mendonca	CST GAM
Elza Maria Duarte Alvarenga de Mello Ribeiro	Subcoordenação de línguas estrangeiras
Marcio Martins Loureiro	Vice Coordenação da Graduação em Ciências Biológicas
Cristiane Ribeiro Mauad	Coordenação de Química
Flávia Carvalho de Souza	Processos Químicos
Josélia de Jesus da Fonseca	COTP
Sharon Schlup	Farmácia
Adriana de Aquino Soeiro Felix	PMQ
Simone Maria Ribas Vendramel	CT em Meio Ambiente

Andréa Cortez dos Santos	COEX
Marília Moraes Manhães	CONAPNE
Marisa Fontes	TAE - DE
Katia Correia da Silva	Coordenadora geral de educação
Rafaela Thereza Pereira Sant'Anna	Coordenadora geral de cursos
Eduardo Coelho	Diretor de Ensino